

Filme dá margem a talentos locais

SEIS ATORES BRASILIENSES INTEGRAM O ELENCO DE *A TERCEIRA MARGEM DO RIO*, CUJAS FILMAGENS TERMINAM NA PRÓXIMA SEMANA

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Seis atores brasilienses integram o elenco de *A Terceira Margem do Rio*, 16ª longa-metragem de Nelson Pereira dos Santos, cujas filmagens se encerram na próxima semana. Dois deles — Marianne Vicentini e Henrique Rovira — desempenham papéis de peso na trama. Ela é Rosário, moça do interior, irmã do protagonista, o vaqueiro Liojorge (Ilya São Paulo). Ele é Herculinão, um dos Irmãos Dagobé, quatro facinoras que alugam suas armas a quem oferecer melhor pagamento.

Em papéis menores estão o cantor Renato Mattos (Preto Velho, um pai de santo), Néio Lúcio (o advogado Baraúna), Joaquim Saraiva (o delegado) e Andrade Jr. (um motorista de táxi). Em funções técnicas, o time de brasilienses é maior. Fernando Duarte, professor da UnB, assina a direção de fotografia; Ivelise Tass, o figurino; Cristina Rego e Joyce del Frari, a assistência de produção; Chico Bororo e Alfredo Vianna, o som; Marcela Tamn, a continuidade, e Lauro Fernandez é maquinista.

A cidade de Sobradinho, por sua vez, oferece 400 figurantes treinados por Waldir Onofre, ator e diretor de cinema. Além de interpretar um dos Irmãos Dagobé, ele assiste o amigo e compadre Nelson Pereira nas seqüências de figuração pesada. Nos últimos dias, submeteu homens e mulheres, jovens e idosos, sãos e aleijados, a verdadeiros banhos de poeira na cidade cenográfica. Transformados em crentes, os figurantes clamavam por novos milagres, já que Nininha, uma criança de quatro anos, a milagreira do filme (interpretada por Bárbara Brant), negava-se a novas ações. No pátio da casa dos milagres, ventania e poeira fina cobriam os suplicantes. Tudo sob as ordens enérgicas de Nelson e Waldir Onofre.

Ambição — Rosário, o primeiro personagem de Marianne Vicentini no cinema, vem deixando a atriz eufórica. Aos 27 anos, ela estréia com pé direito. Afinal, diz satisfeita, "não é todo dia que se trabalha com Nelson Pereira dos Santos, um de nossos maiores diretores".

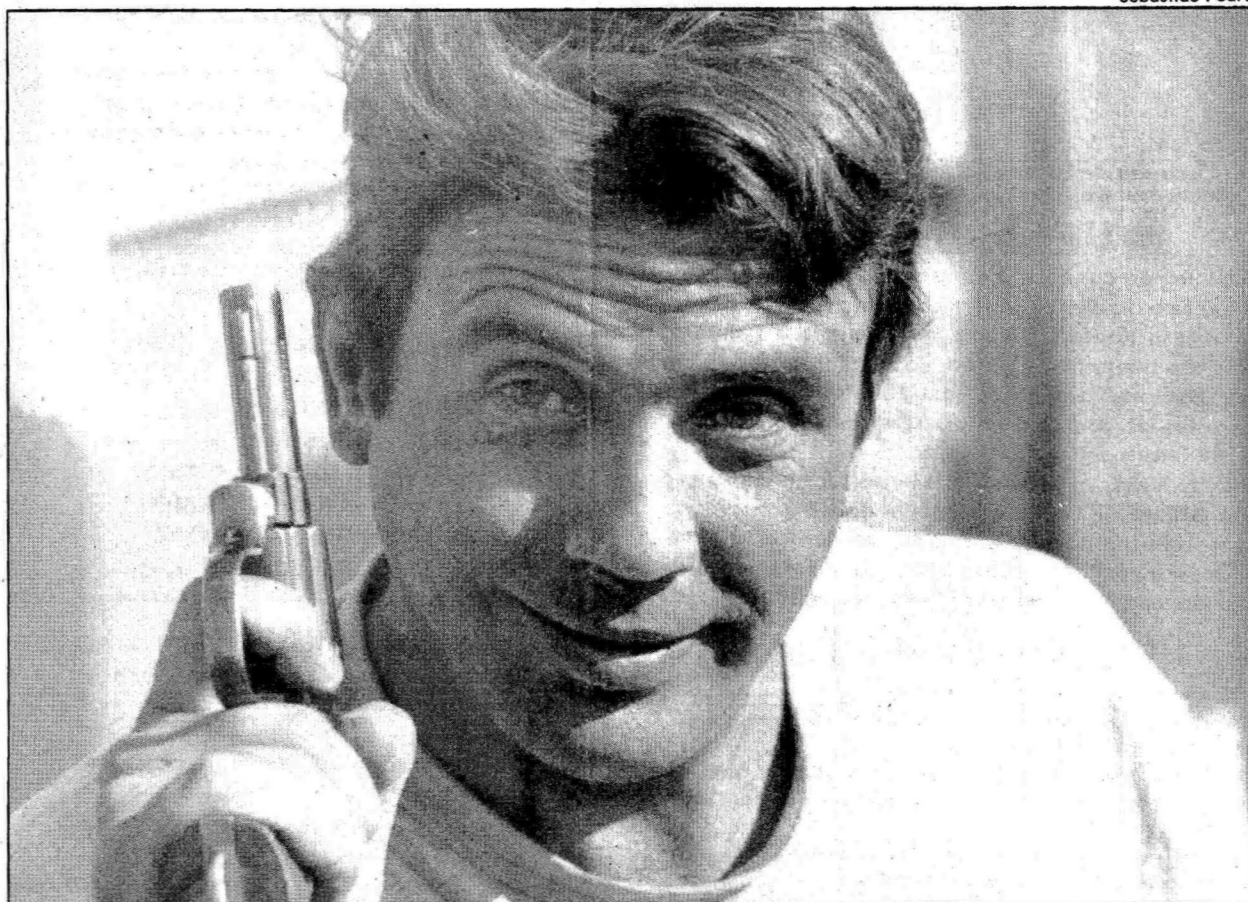
Dividida entre a Rede Globo (onde faz sua segunda novela, *O Mapa da Mina*) e a cidade cenográfica na sede campestre do Pólo, em Sobradinho, Marianne aproveita um intervalo de filmagem para falar de seu personagem. "Rosário perde o pai, que sai em busca da terceira margem do rio. No livro do Guimarães Rosa (*Primeiras Estórias*, 1962), ela se casa. No filme, quem se casa é seu irmão, Liojorge, com a mulher mais bela do mundo (a francesa Sonjia Saurin). Rosário passa a viver com Rigério (Chico Díaz), sem os laços oficiais do matrimônio. E gosta da idéia de ir para a cidade grande. Sofre ao despedir-se dos parentes, mas carrega nela o ímpeto da mudança, da busca por melhores condições de vida".

Mais tarde, Rosário traz a família para junto dela. Moram todos num assentamento, na periferia de uma grande cidade. "Ela se adapta logo" — analisa Marianne. "Passa a se vestir com roupas modernas e compactua com as cafaíestices do marido. Juntos, os dois passam a empresariar os milagres da sobrinha".

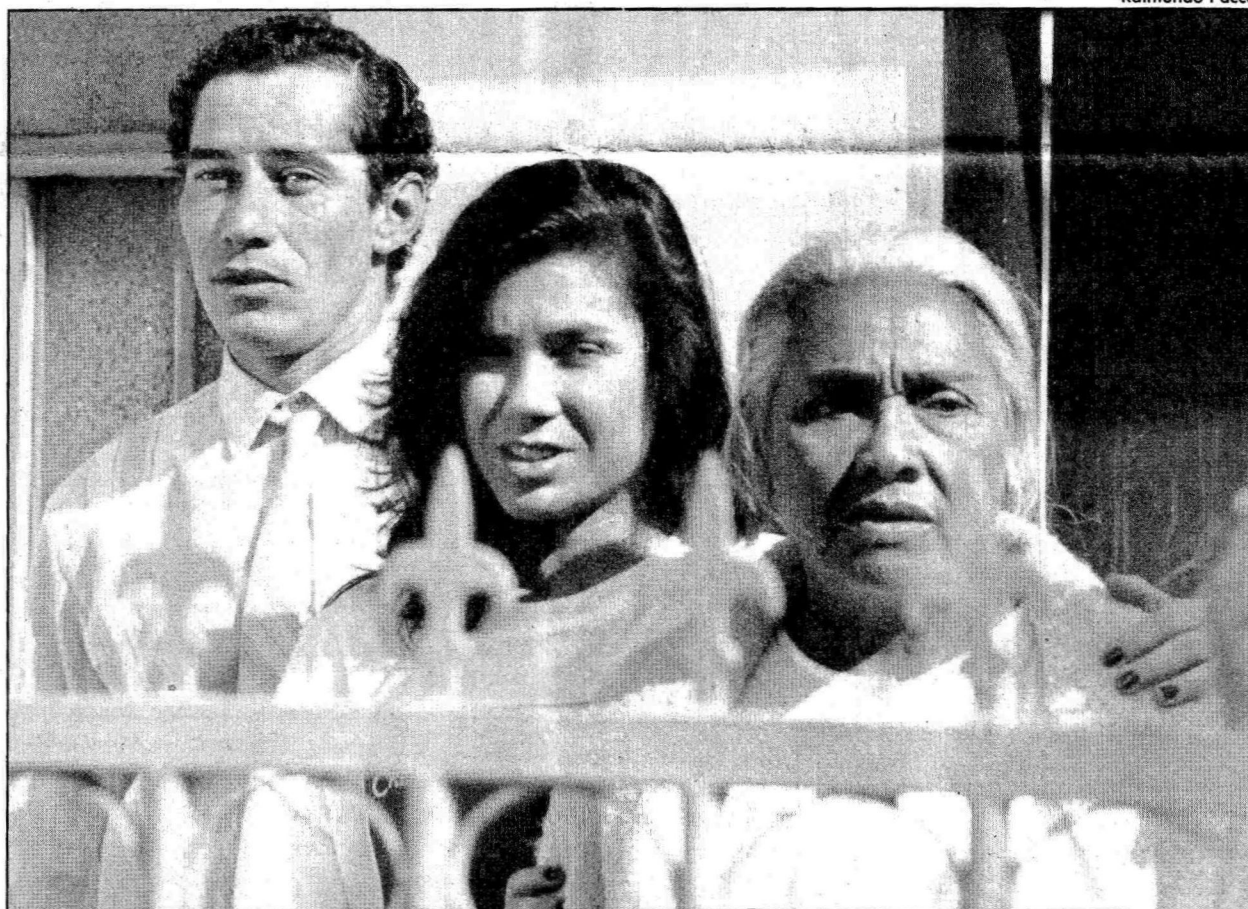
Marianne e Chico Díaz interpretam o casal que não se constrange em explorar a boa-fé da gente simples que os cerca. "Nós enxergamos em nossa sobrinha" — testemunha — "um meio fácil de ganhar dinheiro. Quando os crentes trazem eletrodomésticos e até um carro de presente, nós aceitamos tudo e investimos na melhoria da casa".

Envolvida com o filme desde o dia 1º de março, quando foi rodada a primeira seqüência em Paracatu, Marianne não reclama de cansaço. Ela dividiu os últimos quatro meses entre a Rede Globo, no Rio, e Sobradinho, sem lamentar. Até orgulha-se de dispor de "duas oportunidades de trabalho tão boas". Estava, até, disposta a uma terceira. Durante algumas semanas, usou o pouco tempo disponível para ensaiar *Medéia*, produção da Academia Norma Lília. O projeto foi adiado para o segundo semestre. Se não, ela estaria segurando, com garra, as três atividades.

Facinora — Henrique Rovira, um paulistano de 32 anos, 21 deles vividos em Brasília, faz sua estréia no cinema num papel de peso. Coubete a ele, graças a seu porte atlético, interpretar Herculinão, o líder dos Irmãos Dagobé. O conto que Guimarães Rosa dedicou aos Dagobé é primoroso. Começa assim: "Enorme desgraça. Estava-se no velório de Damastor Dagobé, o mais velho dos quatro irmãos, absolutamente facinoras". E mais: "Demos, os Dagobés, gente que não prestava. Viviam em estreita desunião, sem mulher em lar, sem mais parentes, sob a chefia despótica do recém-



Henrique Rovira estréia no cinema com um personagem "absolutamente facinora", como escreveu Guimarães Rosa



Marianne Vicentini, com Chico Díaz e Maria Ribeiro: dividida entre o Pólo de Cinema e os estúdios da Rede Globo

Um mexicano familiarizado com as superquadras

Chico Díaz é mexicano. Por razões que não sabe explicar, Brasília entrou em sua vida. Aqui, ele fez seu primeiro longa-metragem: *O Sonho Não Acabou*, de Sérgio Rezende (1981). Passou dois meses na cidade, ao lado de Lucélia Santos, Lauro Corona e Miguel Falabella. Familiarizou-se com o Beirute, as superquadras, o Lago Sul, o Teatro Galpão, a W-3 e o Eixão. Agora, familiariza-se com Sobradinho, sede do Pólo de Cinema e Vídeo do DF, a mais calma das satélites do DF, ao lado de Brálandia.

Quando Nelson Pereira dos Santos convidou Chico Díaz para interpretar Rigério, cunhado do protagonista do filme, o vaqueiro Liojorge ele se encheu de entusiasmo. Afinal, depois de algumas semanas em Paracatu, Minas Gerais, voltaria a reencontrar Brasília. Há dois meses e meio, ele se divide entre o Hotel Alvimar, em Sobradinho, e a cidade cenográfica, na sede campestre do Pólo de Cinema e Vídeo do DF.

Rigério é, na definição de seu intérprete, "um espertinho". Com a esposa, Rosário (Marianne Vicentini), ambiciosa como ele, forma uma dupla que deixa o campo e vê a cidade grande como possibilidade de enriquecimento. "Na ânsia de um futuro melhor" — conta — "nós descobrimos em nossa sobrinha, uma mina de ouro. Afinal, ela é uma milagreira. Passamos, então, a empresariar seus milagres".

Barrela — Chico Díaz nasceu, há 34 anos, na cidade do México, onde seu pai, paraguaio, e sua mãe, brasileira, viviam. O pai era funcionário da OEA (Organização dos Estados Americanos) e mudava de país com frequência. "Por isto", brinca, "cada um de meus irmãos nasceu num lugar. Um no Peru, outro na Costa Rica, outro nos

EUA". Chico deixou o México aos dez anos. Fala português sem nenhum acento hispânico. Mérito da mãe brasileira.

Ao radicar-se no Brasil, interessou-se por teatro. Dedicou-se com afinco à carreira, até ser convidado por Sérgio Rezende para interpretar Danilo, um humilde morador da Ceilândia, que se envolvia com Silveirinha, rapaz de família rica e disposto a mil aventuras. Afinal, acredita na impunidade, por ser filho dos donos do poder.

"Naquela época" — lembra Chico — "éramos todos jovens e, fora Lucélia, já famosa, sonhávamos em manter carreira no cinema e na TV". A barra pesou no final dos anos 80. Chico, porém, conseguiu espaço na área mais prejudicada pela crise econômica (e pelo Governo Collor) — o cinema. Fez filmes estrangeiros e, neste momento, participa, ao lado de Beth Lago, de produção canadense. "Cada tempinho livre que me sobra nas filmagens de *A Terceira Margem do Rio*, aproveito para ir ao Rio". Entre os filmes estrangeiros que realizou, Chico destaca *Os Cavaleiros dos Olhos Verdes*, do italiano Dino Rossi. Realizado em Parati, no litoral carioca, o filme conta com a grega Irene Papas num dos principais papéis.

O ator, que já trabalhou em 35 longas e curtas, destaca os que considera "mais luminosos" de sua carreira: *A Cor do Seu Destino*, de Jorge Duran, onde interpretou um militante político assassinado pela polícia de Pinochet; *O Sonho Não Acabou* e *O Homem da Capa Preta*, ambos de Sérgio Rezende; *Cinema Falado*, de Caetano Veloso; e *Barrela*, de Marco Antônio Cury. "Neste filme" — avisa — "além de interpretar o Bahia, um marginal encarcerado, sou produtor". (M.R.C.)

finado".

No filme, quem comanda os Dagobé não é Damastor. É Herculinão. Rovira comenta a composição de seu personagem: "Ele é bruto e chefia os irmãos mais velhos por ser mais esperto que eles. Na prática, são bandidos, caçadores de recompensa". Caberá a Herculinão o papel de mais ferrenho antagonista do vaqueiro Liojorge. "Numa das cenas do filme" — conta Rovira — "Herculinão, que conduz um prego, depara-se com Alva (Sonjia Saurin), a mulher mais linda do mundo. Apaixona-se com loucura por ela. Na cabeça dele, a moça lhe dá alguma esperança. Larga tudo para vir atrás dela. E, como Alva está casada com Liojorge, Herculinão irá estuprá-la". O personagem morrerá pelas mãos de um matador de aluguel, interpretado por Jofre Soares.

Rovira, que se formou como ator em espetáculos produzidos no Pré-Universitário e junto ao Grupo Vidas Erradas, de Fernando Villar, andava mais preocupado com produção de vídeo que com seu trabalho de ator. "Havia" — relembra — "resolvido me dedicar à realização de vídeos ecológicos em parceria com Kim Andrade, quando recebi o convite do Nelson. Eu, que fiz uma ponta em *O Sonho Não Acabou*, outra em *Césio 137*, vi que o personagem era irrecusável. Fui para Paracatu e estou aqui na sede do Pólo, vibrando com meu trabalho".

O entusiasmo do artista é tamanho, que ele voltará aos palcos, em setembro, na peça *Caçadores de Troféus*, com Luís Guilherme e Chico Santana. E retomará, com Mercedes Alvim e Fernanda Mello, o programa radiofônico *A Hora do Conto*, na Cultura-FM.

Com falas — Os quatro outros atores brasilienses que estão no filme fazem "pontas" nobres. Ou seja, têm fala. Nada impede, porém, que na montagem final, seus papéis desapareçam em nome da síntese. Todos, porém, torcem para que isto não aconteça.

Néio Lúcio, 40 anos, em Brasília desde 1959, é ator desde os tempos de Pré-Universitário. Integrou, depois, o prestigiado Grupo Pitu, comandado por Hugo Rodas. No final dos anos 70, fundou a Galeria Cabeças. Dedicou-se, com afinco ao projeto, até que um "pipoco cardíaco" o fez repensar sua vida e trabalho. Voltou aos palcos, ano passado, como Midas na peça *Tamãduá San*, que Hamilton Vaz Pereira preparou no Projeto Oficena, e foi Gamacho no balé *Dom Quixote*. O convite para atuar em *A Terceira Margem do Rio* o deixou ainda mais animado. Mesmo que o papel seja pequeno.

"Faço" — conta Néio — "um advogado chave-de-cadeia, macomunado com o Delegado (Joaquim Saraiva), que coloca Liojorge em liberdade. Tira, também, do xadrez, o Preto Velho interpretado por Renato Mattos".

O piauiense, Joaquim Saraiva, 43 anos, vive em Brasília desde 1971. Chegou ao cinema pela direção. Em Super-8, produziu *Exilados na Própria Terra*, *A Fila e Faculta/83*. Como ator, participou do curta *O Bode É a Solução*, de Nelson Caixeta. Em 89, interpretou Geraldo, ingênuo morador de ferro-velho, em Goiânia, que conduziu a bomba de Césio 137 ao hospital. Ano passado, lançou no Festival de Brasília seu primeiro curta-metragem — *Defunto Vivo* — em 16 milímetros.

Em *A Terceira Margem do Rio*, Saraiva — que faz teatro há 20 anos — interpreta "um delegado mulhengo, cheio de prosa, que se veste de forma chamativa e enfeita-se com pulseira de ouro e óculos vistosos". Do ponto de vista moral, ele é "pactário com a corrupção, pois aceita propinas do advogado para facilitar a liberação de presos".

Andrade Jr., um cearense de 47 anos, em Brasília desde 1958, atuou em *Césio 137*, de Roberto Pires. Ator de teatro (seu último espetáculo foi *Ópera dos Mendigos*, de Fassbinder), vibrou ao receber convite para interpretar um motorista de táxi em *A Terceira Margem*. "O papel é pequeno" — avisa — "mas trabalhar com Nelson Pereira dos Santos é sempre motivo de orgulho".

Sua ação no filme consiste em "dirigir o carro que leva Liojorge de um posto de gasolina até a casa do matador de aluguel (Jofre Soares)", e "trocar algumas falas com ele".

O baiano Renato Mattos, 41 anos, é mais conhecido como cantor de reggae, que como ator. Desempenha, porém, as duas funções. Atuou no Grupo Pitu até transformar-se num dos músicos mais populares da cidade, responsável por sucessos como *Um Telefone É Muito Pouco*, *Grande Circular* e *Bico da Torre*. Nelson Pereira o convocou para interpretar Preto Velho, figura de proa nos cultos umbandistas. Seu cenário é a Delegacia comandada por Joaquim Saraiva e tem como companheiro de cela o ator Ilya São Paulo.